

# ***O CANDOMBLÉ E A HOMEOPATIA: similaridades e aproximações***

---

*Wallace Ferreira de Souza<sup>1</sup>  
Maria do Socorro Sousa<sup>2</sup>  
Berta Lucia Pinheiro Kluppel<sup>3</sup>*

## ***O Encontro do Candomblé e da Homeopatia***

Classificar, em outras palavras, é dar ao mundo uma estrutura: manipular suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis que outros, comportar-se como se os eventos não fossem casuais ou limitar ou eliminar sua casualidade. (BAUMAN, 1999 p.9)

O saber esteve relacionado, nos últimos três séculos no mundo ocidental, com a ideia positiva de ciência, fundamentada por valores bem definidos, classificações precisas que definem as estruturas do mundo e as coisas nele existente, ou como diria Émile Durkheim (1989, p. 29) “[...] toda ciência positiva, antes de tudo, ela tem como objetivo explicar uma realidade”. Entre-

---

1 Historiador, Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

2 Médica especialista em Homeopatia e Pediatria, professora Adjunta do Departamento de Fisiologia e Patologia/UFPB, Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

3 Médica Homeopata, Doutora em Patologia Experimental, professora Associada do Departamento de Fisiologia e Patologia do Centro de Ciências da Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/UFPB.

tanto, Martinez lembra-nos que o pensamento desde Descartes constitui-se como o único caminho que o homem possui para conhecer e que “el principio fundamental, pues, del cual há de beber la nueva ciencia antropológica no puede ser sólo el sujeto que piensa y conoce, sino el sujeto total, que nace, vive y muere”. (MARTINEZ, 1974, p. 19)

O objeto das ciências positivas estaria simplesmente à espera do pesquisador, ele seria o indivíduo que pela sua formação especializada teria a capacidade de ver o que estava posto no mundo, a realidade existiria fora do homem. O exercício da pesquisa dentro dos campos disciplinares das humanidades, podendo estender-se a outras áreas do saber, costumava ser enrijecido pelas fronteiras fixas que caracterizavam cada disciplina, cada ciência.

O distanciamento do “*sujeito que sabe*” do objeto a ser conhecido é a base da produção acadêmica, que valoriza a objetividade absoluta em detrimento das “*confusões*” geradas pela intervenção da subjetividade na produção do saber. Esse distanciamento científico, valor cultivado pelos novecentistas, caracteriza-se como sendo uma separação em todos os aspectos que poderiam contaminar a análise do objeto. Um exemplo característico que poderíamos citar desse distanciamento é a historiografia clássica, onde os estudos de História teriam que ter um corte temporal distante da contemporaneidade do pesquisador, pois se fazia necessário o distanciamento temporal para poder perceber a verdadeira história. Poderíamos afirmar que as características do saber positivo estruturado na objetividade, na classificação, no distanciamento e no culto da razão absoluta, definem os campos disciplinares e, portanto, seus objetos de pesquisas a partir do século XIX e, que sem sombra de dúvida, permeia nossas produções até hoje.

Nesse sentido propor o encontro dos valores mítico-simbólicos do Candomblé com a Doutrina Homeopática, exercita a flexi-

bilidade de produzir conhecimento a partir dos pontos de contato existentes entre as muitas formas que o homem tem de criar a realidade deixando, ela mesma, de ser uma categoria concreta. A concretude do real torna-se mais uma forma de representá-la, ponto em que concordamos com Martinez ao lembrar o homem simbólico do antropólogo alemão Ernest Cassirer (apud MARTINEZ, 1974 p.19):

[...] el hombre era el único ser con capacidad para expresar mediante símbolos sus estados de conciencia, y que era esto y no el sentimiento ni la inteligencia lo que le distinguía del animal. Gracias a su poder de simbolizar, el hombre sobrepasa el universo físico para vivir en el mundo humano de los lenguajes, de los mitos, de la religión, de las artes, de la ciencia y de la historia.

### ***A Concepção do Cosmo e o Ser Humano***

Ouçõ no vento o soluço do arbusto:  
É o sopro da ancestralidade...  
Nossos mortos não partiram.  
Estão na densa sombra.  
Os mortos não estão sob a terra.  
Estão na árvore que se agita.  
Na madeira que geme, estão na água que flui,  
Na água que dorme, estão na cabana na multidão;  
Os mortos não morreram...  
Nossos mortos não partiram,  
Estão no ventre da mulher, no vagido do bebê;  
E no tronco que queima.  
Os mortos não estão sob a terra:  
Estão no fogo que se apaga,  
Nas plantas que choram, na rocha que geme,

Estão nas florestas, estão na casa,  
Nossos mortos não morreram.  
Birogo Diop, **Ancestralidade**

Dentro das práticas religiosas que congregam elementos mítico-simbólicos trazidos pelos negros africanos da diáspora, o Candomblé Baiano, o Tambor-Mina Maranhense e o Xangô de Pernambuco são espaços onde encontraremos concepções específicas a respeito da organização da vida e do cosmos, fundamentadas na ideia africana de ancestralidade. A mitologia africana presente nestes rituais religiosos se (re) atualiza e (re) inventa-se, constantemente, demonstrando a dinamicidade dos elementos culturais. A paisagem cultural brasileira é um caldeirão em constante ebulição. Segundo Durand (1993, p. 44): “os atos mais quotidianos, os costumes, as relações sociais estão sobrecarregados de símbolos, são acompanhados no seu mais íntimo pormenor por todo um cortejo de valores simbólicos” valores pontuados, no caso brasileiro, de uma simbólica africana recriada na diáspora.

A composição do xirê afro-brasileiro incorpora elementos da cultura Bantu, Yorubá e Fon, este último conhecido como os povos Jejes, constituindo um complexo religioso múltiplo e simbolicamente rico. Outra questão a notar é o contato dessas cosmogonias africanas com os elementos do cristianismo português, encontro que certamente é formador do *Ethos* brasileiro (ANDRADE, 2002). Estes aspectos aqui destacados servem para pensarmos as recriações simbólicas de uma África fora do continente africano, a qual congrega em si possibilidades de arregimentar uma diversidade de elementos culturais, dando origem a uma religiosidade bem particular que são os cultos afro-brasileiros.

Dentro dos estudos da Antropologia, da Sociologia e de uma Etno-História, as religiões africanas sempre foram olhadas como espaços interessantes para as pesquisas. A África tornou-se no século XIX um “sítio arqueológico”, onde tudo era alvo dos debates e das pesquisas nas grandes Universidades Européias. Com o advento dos estudos africanistas, o Brasil também entra na roda dessa “arqueologia africana”, a qual desdobra-se nos estudos afro-brasileiros, particularmente os que estavam preocupados com as manifestações religiosas dos pretos, como eram conhecidos os africanos e seus descendentes nas terras brasileiras. As pesquisas fincadas nestas manifestações religiosas apresentaram esse universo mítico-simbólico como fortemente influenciado pelos povos Nagôs de língua Iorubá, nitidamente na Bahia e Pernambuco. Portanto muito do que reside nos terreiros de Candomblé Baianos e nos Xangôs de Pernambuco seriam recriações simbólicas dos Iorubás. Contudo há quem denuncie nestes estudos certa tendência de privilegiar os povos Nagôs, indicando um nagôcentrismo nos estudos afro-brasileiros, por longos anos.

Nessa trajetória de estudos afro-brasileiros gostaríamos de citar duas obras que acreditamos sejam interessantes para pensar o universo mítico Nagô: “Os Nagô e a Morte” de Juana Elbein e o clássico “O Candomblé da Bahia” de Roger Bastide. No entanto, estas referências não perfazem toda a discussão já feita pelos estudos afro-brasileiros, mas apenas indicam alguns debates colocados a respeito.

Bastide, analisando a estrutura do mundo, sugere a inter-relação entre os postos sacerdotais e a organização do mundo, considerando a existência de sacerdotes diferentes desempenhando funções litúrgicas também diferentes, mas que ao mesmo tempo são complementares e necessárias para que a estrutura do sagrado aconteça, indicando que

o mundo se divide em certo número de compartimentos e porque cada espécie de sacerdote preside a um ou outro desses domínios [...] para compreender a concepção do mundo, formulada pelos descendentes de africanos na Bahia, é preciso partir do estudo do sacerdócio. (BASTIDE, 2001, p.112)

Bastide (2001) apresenta uma estrutura sacerdotal quaternária: 1) os babalorixás e ialorixás que presidem os cultos dos orixás; 2) os babalaôs sacerdotes que presidem os cultos de Ifá; 3) os babalossains sacerdotes que governam o culto de Ossaim, o senhor das folhas; 4) os babaojés que presidem os cultos dos eguns, estando os mesmo ligados à própria construção de estrutura do mundo, que congrega: os deuses, os homens, a natureza e os mortos. Dando-nos em linhas gerais as concepções de mundo e de homem/ mulher para essa cosmogonia.

A percepção de mundo no Candomblé compõe-se a partir de uma estrutura congregadora, pois os deuses, os homens, a natureza e os mortos estão em intensa relação, o *Orum* é o espaço sobrenatural, o outro mundo. Trata-se de uma concepção abstrata de algo imenso, infinito e distante e o *Aiyé* “compreende o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais” (SANTOS, 1976, p. 53). O encontro acontece nos terreiros no momento em que os orixás visitam seus filhos para se confraternizar, o Xirê é a festa do encontro e é fundamental, pois mobiliza axé e sem axé nada se faz nada se cria nada se transforma.

Na visão da homeopática o ser humano é constituído de uma estrutura material, identificada como corpo físico, responsável pelas funções orgânicas, de uma mente racional e da energia vital que coordena suas funções e sensações. O que corresponde a dizer que para a Homeopatia o ser humano tem uma constituição tripla, e o seu estado de equilíbrio depende de aspectos internos e do meio externo.

No parágrafo 9 do livro “Organon - da arte de curar”, este conceito é assim expresso:

No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência. (HAHNEMANN, 1995, p. 48-49)

### ***Concepção de Axé - Similaridade com Energia Vital***

Para o povo yorubá, o verbo mais importante é *realizar*. Um ser humano vem à iluaiye, o planeta terra, para *realizar*, para fazer algo. Nesta perspectiva, nada é feito sem o apoio dos orixás, porque é através da força que flui deles para outrem que essa realização ocorre. Àse (Axé) significa isso: Awa = nós e se = realizar. (<http://www.orixas.com.br/portal>). Para o Candomblé axé é vital para os seres humanos, ele é a energia vivificante, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo o ser animal, de todas as coisas. (SANTOS, 1976)

Essa noção permite observamos uma similaridade com a concepção de força vital utilizada na Homeopatia, uma força que de forma dinâmica coordena as funções e sensações do corpo físico, com o objetivo de lhe permitir realizar aquilo que tem de executar no seu mundo existencial. Na Homeopatia, o conceito de Força ou Energia vital também assume caráter de imprescindível:

O organismo material, destituído da força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma atividade, nenhuma auto-conservação (\*); é somente o ser imaterial, animador do organismo material no estado sã e no estado mórbido (o princípio vital, a força vital), que lhe dá toda sensação e estimula suas funções vitais.

[...] ele está morto e submisso apenas ao poder do mundo físico exterior; apodrece e se dissolve novamente em seus componentes químicos. (§ 10 do Organon. (HAHNEMANN, 1995, p. 49)

### **A fonte e a transmissão da energia**

O axé é encontrado, segundo a concepção dos filhos-de-santo, “numa grande variedade de elementos representativos do reino animal, vegetal e mineral quer sejam de água (doce ou salgada), quer da terra, da floresta, do “mato” ou do espaço urbano”. (SANTOS, 1976, p. 40-41). Axé, como toda força, é transmissível; é conduzido por meios materiais e simbólicos e acumulável e, segundo Maupoli (1943 apud SANTOS, 1976), este termo “designa, em Nagô, a força invisível, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado, de toda coisa”. No terreiro, todos os seus conteúdos materiais e seus iniciados, devem receber àse, acumulá-lo, mantê-lo e desenvolvê-lo (SANTOS, 1976, p. 39). Para os filhos-de-santo os objetos sagrados do terreiro também são detentores de axé e transferem para a comunidade de santo o axé que foi guardado, conservado, acumulado para ser compartilhado no momento da festa.

Os medicamentos homeopáticos são preparados a partir de matéria prima proveniente dos reinos vegetal, animal e mineral. O método de preparação do medicamento homeopático, por meio da diluição e dinamização (agitação vigorosa), possibilita a passagem da substância da sua natureza físico-química para suas

potencialidades energéticas. Este aspecto da energia vital é para a Homeopatia ponto de discussão, uma vez que a Energia Vital referida por essa especialidade médica terapêutica não encontra na atualidade instrumentos para sua detecção. Para a Homeopatia, a energia vital pode ser transmitida de pessoa para pessoa a exemplo, da mãe ao filho.

Segundo Egito, no indivíduo doente coexistem dois níveis: o da doença sintomática e o miasmático ou de fundo. Para ele, miasma

é uma condição que pode manifestar-se assintomaticamente, minando paulatinamente o organismo [...] e que propicia o aparecimento de uma série de estados considerados doenças, com várias denominações (EGITO, 1981, p. 62-63).

É consenso entre os estudiosos da Homeopatia que o estado miasmático pode ser contagioso:

[...] porque ora ele parece ser adquirido e transmitido por contágio direto, ligado a elementos biológicos identificáveis, ora parece ser apenas o resultado da exacerbação de uma condição latente, despertada por um agente biológico determinado, ou mesmo por um “stress”; ora originando-se de um contágio direto, mas sem qualquer agente responsável conhecido; ora como uma contaminação congênita com ou sem agente identificável, ora como um estado hereditário ligado ao genótipo do indivíduo, etc. (EGITO, 1981, p.69-70)

Axé para o Candomblé e Energia Vital para a Homeopatia assemelham-se pela sua natureza imaterial, suas concepções de elemento vital para os seres humanos, por serem provenientes da natureza, podendo ter origem nos reinos vegetal, animal e mineral embora as suas possibilidades de transmissão e conservação sejam distintas.

## ***A Sasanha e a Dinamização do Medicamento Homeopático***

No candomblé, a sasanha é uma cerimônia dedicada à coleta das folhas rituais. Segundo a mitologia Iorubá, Ossaim é o senhor das folhas, é o detentor da palavra que dinamiza o poder das folhas, o Ofó. Estaria nas folhas o segredo de todo Candomblé, referencia feita por Bastide, ao lembrar um ditado, Iorubá: - Cossi Ewé, Cossi Orixá, - sem folha não tem orixá.

O reino vegetal como um todo, enquanto natureza, e as folhas em especial, constituem as bases para o funcionamento de um terreiro de Candomblé e são, portanto, abundantemente usados nas práticas de rituais, nas festas e na orientação para o cotidiano dos filhos do santo, incluindo os estados de desequilíbrio.

Para Santos (1976) o “sangue” das folhas tem poder e é um dos axés mais poderosos. Lidar com elementos de natureza não-física, material gera uma dificuldade quase sempre levada para o campo da crença/descrença quando se esgotam as possibilidades de comprovação concreta. Neste sentido, Santos (1976) afirma com relação ao Candomblé:

A doutrina só pode ser compreendida na medida em que ela é vivida através da experiência ritual – analogias, mitos e lendas revividos; o conhecimento só tem significado quando incorporado de modo ativo. (SANTOS, 1976, p. 45)

Na homeopatia existe o conceito de *simillimum*, que compreende a correspondência entre as características psicofísicas de um ser humano com o núcleo básico de um medicamento homeopático. A descoberta dos campos de ação dos medicamentos homeopáticos é feita por um processo que consiste na experimentação de substâncias diluídas e dinamizadas que adminis-

tradas repetidamente em indivíduos sadios lhes despertam sintomas físicos e/ou mentais. Características físicas, mentais e emocionais, que em sucessivos experimentos, manifestaram-se igualmente nos experimentadores sensíveis, passam a ser relacionadas ao medicamento que as desencadeou e este medicamento será indicado como *similimum* para tratar as pessoas que, em desequilíbrio, manifestem tais características.

Os sintomas desenvolvidos pelo experimentador, relacionados aos medicamentos que os provocaram, constituem as Matérias Médicas dos medicamentos homeopáticos, das quais derivam os Repertórios Homeopáticos. Matéria Médica e Repertório são as principais ferramentas de trabalho do homeopata.

### ***As Características dos Orixás e os Similimums Homeopáticos***

O fato dos Orixás com seus mitos e lendas – parábolas que nos permitem apreender seu significado – constituírem uma constelação familiar, bem como o uso fácil e extensivo da palavra Orixá, pode induzir a que sejam comparados aos seres humanos (SANTOS, 1976). Neste sentido, foi conduzido um trabalho com o intuito de confrontar as características humanas atribuídas aos orixás com as características dos medicamentos homeopáticos, onde a repertorização de atributos físicos e mentais (sintomas) de oito orixás levaram aos seus *similimums* homeopáticos (SOUZA; KLUPPEL; SOUZA, 2008). As características dos Orixás do estudo foram agrupadas a partir de uma pesquisa bibliográfica em torno de alguns autores: Pierre Verger, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Reginaldo Prandi, Edson Carneiro e Mônica Bonfiglio. A escolha das características arquetípicas de cada orixá decorreu de sua recorrência nos relatos. Os sintomas ou rubricas homeo-

páticas foram retirados do Novo Repertorio de sintomas homeopáticos de Ariovaldo Ribeiro Filho (1996), selecionando-se entre 8 a 13 rubricas que correspondiam às características principais dos orixás e que, dentro do modelo homeopático, recebem o nome de Síndrome Mínima de Valor Máximo, ou seja, as características que não podem estar ausente naquele medicamento denominado *similimum*. A repertorização das características míticas dos orixás: Exu, Ogum, Xangô, Iansã, Oxum, Nanã Buruku, Iemanjá e Oxalá os relacionaram, respectivamente, aos medicamentos homeopáticos: Tarêntula, Belladonna, Nux Vomica, Lachesis, Pulsatilla, Sépia, Calcarea Carbônica e Phosphorus. (SOUSA; KLUPPEL; SOUZA, 2008)

### ***Objetivos da Prática Homeopática e o Jogo do Ifá***

Na História das Religiões os deuses surgem numa determinada estrutura ou grupamento social atendendo às necessidades daquele povo em espaço físico e tempo determinados. Religiões existiram e desapareceram, outras são reformadas no intuito de atender aos anseios das comunidades humanas. As religiões complexificam-se, modificam-se, sofrem as ações do tempo e das transformações sociais de um povo.

No Candomblé, os babalaôs, no jogo de Ifá, consultam os odus para saber que orixá governa o orí de cada membro da comunidade - o orixá de cabeça. Também é buscado o ajuntó - orixá complementar, que pode ser mais de um. Outro aspecto que podemos encontrar na mitologia são as disputas e divergências entre os orixás. Conta um dos mitos que entre Ogum e Xangô existe uma disputa, ou mesmo entre Ogum e Nana, por exemplo. A vida cotidiana é baseada nestas identificações míticas

em grande medida. Para o Candomblé os orixás são manifestações da natureza divinizada, são amigos, representam a ancestralidade mítica do grupo.

No campo da saúde, na medida em que as doenças se modificam, as terapias precisam ser modificadas. Na prática da Homeopatia, o médico através da consulta, busca identificar o *simillimum*, que corresponde ao medicamento homeopático que cobre toda sintomatologia apresentada pelo paciente. Para eficácia do tratamento, todos os sintomas e sinais que o paciente venha a apresentar deverão constar do núcleo básico do medicamento que vai impulsionar uma ação de reequilíbrio da sua força vital, o que para a Homeopatia corresponde ao estado de saúde. Entretanto, nem sempre isto é possível e, na prática, é frequente o uso de medicamentos similares os quais cobrem parcialmente os sintomas e sinais apresentados pelos pacientes e, portanto a cura ou melhora é parcial. Para algumas escolas homeopáticas há medicamentos que podem ainda agir de modo complementar ou antagonico em relação a outros.

### ***As Concepção de Saúde e Doença***

Qualquer sistema terapêutico ou religioso, com proposta de cuidar ou tratar, tem como elemento básico um diagnóstico. A compreensão das partes constituintes envolvidas bem como as ações e relações que geram as alterações são elementos do diagnóstico. A partir do diagnóstico são elaboradas as metas direcionadas ao restabelecimento do equilíbrio ou saúde.

No Candomblé a percepção do ser humano envolve o significado do Axé e, portanto, no adoecimento este elemento tem o seu significado e importância. Adoecer no Candomblé significa a

ruptura, a quebra do equilíbrio entre o adepto e os Orixás e a não mobilização do axé. Portanto, o axé é elemento fundamental para a recomposição da harmonia.

A Homeopatia recoloca o sujeito no centro do paradigma da atenção, compreendendo-o nas dimensões física, psicológica, social e cultural. Na Homeopatia o adoecimento é a expressão da ruptura da harmonia dessas diferentes dimensões. Na concepção homeopática, a saúde decorre do estado de equilíbrio do ser, e as ações terapêuticas que agem no sentido da recuperação do quadro de doença consideram o organismo como um todo. (KLUPPEL; SOUSA; FIGUEREDO, 2007).

O mérito da Homeopatia se faz em descobrir substâncias que diluídas e dinamizadas constituam medicamentos úteis às mazelas individuais dos usuários deste sistema terapêutico. O mérito de um sistema religioso como o Candomblé é atender às necessidades pessoais e coletivas vigentes do seu grupo de adeptos.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 anos de catolicismo, e sincretismo no Brasil*. João Pessoa-JP: Ed. Univesitaria-UFPB. 2002.

BASTIDE, R. *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CHAULHOURB, S. et al. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURKHEIM, E. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

EGITO, J. L. *Homeopatia: contribuição ao estudo da teoria miasmática*. São Paulo: Editora Soma Ltda., 1981.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HAHNEMANN, S. *Exposição da doutrina homeopática, ou Organon da arte de curar*. Tradução: David Castro, Rezende Filho, Kamil Curí. 6. ed. Alemã. São Paulo: GEHSP "Benoit Mure", 1995.

KLUPPEL, B. L. P.; SOUSA, M. do S.; FIGUEREDO, C. A. As práticas integrativas e o desafio de um novo paradigma de saúde. *Religare – Revista de Ciências das Religiões*, v. 2, p. 33-42, 2007.

MARGONARI, N. *As essências florais e a hierarquia divina*. São Paulo: N. Margonari, 1996.

MARTINEZ, L. C. *El Hombre um ser em camino*. Bogotá: Ediciones Paulinas, 1974.

RIBEIRO FILHO, A. *Novo repertório de sintomas homeopáticos*. São Paulo: Robe Editorial, 1996.

SANTOS, J. E. dos. *Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

SOUSA, M. do S.; KLUPPEL, B. L. P.; SOUZA, W. F. Os Orixás e os medicamentos homeopáticos: semelhanças arquetípicas. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE RELIGIÓN Y ETNICIDADE DA ASSOCIACION LATINOAMERICANA PARA EL ESTUDIO DE LAS RELIGIONES, 12., 2008, Bogotá. [*Anais...*] Bogotá, Colômbia: ALER, 2008. Disponível em:<[www.orixas.com.br/portal](http://www.orixas.com.br/portal)>. Acesso em: 19 may, 2008.